

Desde muito novo, talvez desde os cinco ou seis anos de idade, eu soube que mais tarde gostaria de ser escritor. Entre os dezassete e os vinte e quatro tentei pôr de parte esta ideia, mas sabia que estava a violentar a minha verdadeira natureza e que mais tarde ou mais cedo teria de assentar e me dedicar à escrita.

Fui o segundo de três irmãos, mas havia entre mim e eles um intervalo de cinco anos, e até aos oito anos só de longe a longe via o meu pai. Por este e outros motivos, fui uma criança algo solitária, e cedo desenvolvi algumas manias desagradáveis, que me tornaram impopular na escola. Tinha o hábito, típico das crianças solitárias, de inventar histórias e manter conversas com personagens imaginárias, e

penso que desde o início as minhas ambições literárias se misturavam com a sensação de isolamento e o sentimento de não ser devidamente valorizado. Eu sabia que tinha facilidade em escrever e a capacidade de encarar factos desagradáveis, e sentia que isto criava uma espécie de mundo privado no qual me podia desferrar dos meus fracassos na vida de todos os dias. Apesar disso, o volume de escritos sérios — isto é, escritos com intenções sérias — que produzi durante toda a minha infância e adolescência não chegaria a meia dúzia de páginas. Escrevi o meu primeiro poema aos quatro ou cinco anos, ditando-o à minha mãe. Só me lembro que era sobre um tigre e que este tinha “dentes como cadeiras” — um verso razoavelmente bom, mas suponho que se tratasse de um plágio do poema “Tigre, tigre” de William Blake. Aos onze, quando deflagrou a guerra de 1914-18, escrevi um poema patriótico que foi publicado na gazeta local, tal como sucedeu com outro, dois anos mais tarde, sobre a morte de Kitchener. Mais adiante, escrevi ocasionais “poemas à natureza”, invariavelmente maus, de estilo georgiano e que em muitos casos ficaram por acabar. Por duas vezes tentei também escrever contos, sendo o

resultado um pavoroso fracasso. A isto se resume a totalidade dos escritos pretensamente sérios que pus no papel durante todos esses anos.

Contudo, durante todo esse período envolvi-me de certo modo em atividades literárias. Antes de mais, houve as coisas feitas por encomenda, que produzia rapidamente, facilmente e sem grande prazer. Além dos trabalhos escolares, escrevi *vers d'occasion*, poemas semicômicos produzidos a uma velocidade que hoje me parece espantosa — aos catorze escrevi toda uma peça em rima, imitada de Aristófanés, em cerca de uma semana — e ajudei a editar revistas escolares, tanto impressas como manuscritas. Estas revistas eram a coisa mais pateticamente burlesca que imaginar se possa, e eu gastava menos tempo com aquilo do que hoje gastaria com o jornalismo mais reles. A par disto, porém, e durante quinze anos ou mais, levei a cabo um exercício literário de tipo completamente diferente: a contínua elaboração de “histórias” a respeito de mim mesmo, uma espécie de diário que só existia mentalmente. Creio que este é um hábito comum nas crianças e nos adolescentes. Quando era muito pequeno, imaginava ser,

digamos, Robin dos Bosques, e pintava-me como herói de palpitantes aventuras; mas rapidamente a minha “história” deixou de ser tão cruamente narcisista e passou a tornar-se, cada vez mais, numa mera descrição das coisas que estava a fazer ou a ver. Este discurso mental prolongava-se durante minutos, em algo do género: “Ele abriu a porta e entrou na sala. Um raio de sol amarelo, filtrado pelas cortinas de musselina, incidia de viés sobre a mesa, onde uma caixa de fósforos, semiaberta, jazia ao lado do tinteiro. Com a mão direita no bolso, ele aproximou-se da janela. Lá em baixo, na rua, um gato tricolor perseguia uma folha morta”, etc., etc. Este hábito prolongou-se até por volta dos vinte e cinco anos, atravessando portanto todo o meu período não-literário. Embora tivesse de procurar, e o fizesse de facto, as palavras certas, era como se este esforço descritivo se realizasse quase contra a minha vontade, sob o efeito de uma compulsão externa. Suponho que essas “histórias” terão refletido os estilos dos diferentes escritores que admirei ao longo desse período, mas, tanto quanto me lembro, tinham sempre o mesmo carácter minuciosamente descritivo.